

“DEVO MUITO À *CAMINHO SUAVE*”¹: LEMBRANÇAS DA CARTILHA

“I OWE A LOT TO *CAMINHO SUAVE*”: MEMORIES OF PRIMER

Norma Sandra de Almeida Ferreira
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
normasandra@yahoo.com.br

Ilsa do Carmo Vieira Goulart
Universidade Federal de Lavras (UFLA)
ilsa.goulart@ded.ufla.br

Resumo

Este texto tem como objetivo inventariar e construir uma reflexão sobre impressões, lembranças e memórias de leitura de pessoas que foram alfabetizadas pela *Cartilha Caminho Suave*, no contexto escolar e não escolar. Para tal, realizamos uma pesquisa de campo, tendo como fontes documentais, entrevistas semiestruturadas e postagens sobre a *Cartilha Caminho Suave*, disponibilizadas na rede social *Facebook*. Este trabalho, balizado pela perspectiva da História Cultural, tem como principais interlocutores: Roger Chartier, a respeito das representações e Michel de Certeau, na discussão sobre memória, entre outros autores que dialogam com a temática. As entrevistas e as postagens aguçaram a produção de boas e prazerosas lembranças, pelo ato de narrar, mobilizado em redes de sociabilidade afetiva culturalmente situada. A *Cartilha Caminho Suave* pode ser considerada um objeto cultural que, para a criança, materializa o mito da iniciação à sociedade escriturística e possibilita que ela se desloque para o tempo de sua infância, da convivência com pessoas e lugares queridos (pais, professora).

Palavras-chave: Memórias de leitura e escrita. *Cartilha Caminho Suave*. Método de alfabetização.

Abstract

This text aims to record and build a reflection on prints, souvenirs and memories of people who were literate read by *Cartilha Caminho Suave*, in the school context and school not. To this end, we conducted a field research, having as documentary sources, semi-structured interviews and postings about the *Cartilha Caminho Suave*, available on social network *Facebook*. This work marked by the perspective of Cultural history has as its main interlocutors: Roger Chartier about the representations and Michael de Certeau, in the discussion about memory, among other authors that dialogue with the theme. The interviews and the posts have

¹ O título foi inspirado na postagem intitulada “*Cartilha Caminho Suave* de 1981”, de 6 de agosto, 2017, às 08:16, na página “Sou dessa época”, rede social *Facebook*. Da mesma forma, alguns subtítulos foram extraídos dos comentários postados na rede.

sharpened the production of good and pleasant memories, by the Act of narrating mobilized in sociability networks culturally situated affective. *Cartilha Caminho Suave* can be considered a cultural object, for the child, embodies the myth of initiation to the Scriptural and society allows her to move to the time of your childhood, the coexistence with people and places ones (parents, teacher).

Keywords: Memories of reading and writing. *Cartilha Caminho Suave*. Method of literacy.

“Caminho Suave?... Eu estudei!”

É possível ser leitores e escritores do nosso vivido, acionando fragmentos das lembranças – um cheiro, uma voz, um objeto, uma cena –, atuando nas lacunas e trabalhando a abundância e dispersão do cotidiano, indo em direção de um desejo de totalidade, complexidade, diversidade para dar forma pela linguagem de nossas vidas.

É possível narrar, de um certo lugar e tempo, escolhendo fragmentos do cotidiano (o quê), fazendo sua edição, organizando-os com certos recursos (como, onde), movida por certos desejos (por que), para produzir certo efeito de sentido (para que), numa certa experiência de linguagem, que inclui o(s) outros(s). Colocar em letra o vivido (FERREIRA; SILVA, 2012).

Fui alfabetizada pela *Cartilha Caminho Suave*, em 1957, em uma cidade do interior de São Paulo. Lembro-me do prédio do grupo escolar, da professora séria e exigente, de alguns colegas que dividiram comigo a carteira dupla, presa no chão, o buraco no tampão da mesa para o tinteiro que no segundo ano seria usado para aprender a escrever a caneta de pena metálica.

Lembro-me, como muitos, da capa e de praticamente todas as lições da *Cartilha*, na sequência em que elas aparecem e nos conteúdos estampados por elas. Sabidos, por mim, de cor.

Lembro-me também que, ao ser chamada à frente da sala para ler a família silábica do na-ne-ni-no-nu, não consegui fazê-lo como a professora esperava que eu o fizesse. Provavelmente pronunciara os fonemas da lição anterior já estudada e dominada: a lição do “Macaco” (ma-me-mi-mo-mu). A professora insistiu em me cobrar, de novo, mais de uma vez, a leitura, depois de ter repetido para mim a oralização da família do “Navio”.

Desanimada, talvez decepcionada, a professora me mandou sentar na cadeira e pediu que um outro aluno me ensinasse a lição. Senti vergonha do meu fracasso. Mas jamais contei à minha família que esperava que eu fosse uma boa, aplicada e dedicada aluna e que depositava na escola a ascensão social e a possibilidade de certo conforto econômico, no meu futuro.

Este artigo reúne lembranças de pessoas que, como neste relato², foram alfabetizadas pela *Cartilha Caminho Suave*, no contexto escolar e não escolar. Busca uma reflexão, de natureza exploratória, do material construído a partir de entrevistas semiestruturadas e de postagens em mídia virtual. Apoia-se nos estudos trazidos especialmente por Roger Chartier e Michel de Certeau, considerando o campo das práticas e das representações. Balizado pela pergunta: como acessar os leitores da *Cartilha Caminho Suave* para colher deles suas lembranças sobre o uso desse material, no contexto escolar ou não? Que sentidos, hoje, adultos dão para o período em que tiveram a *Cartilha* em suas mãos, no momento de iniciação à aprendizagem da leitura e da escrita? Como veem seu processo de aquisição da leitura e da escrita?

Guardei na memória... mas como se articulam nossas lembranças?

A temática assumida neste texto nos coloca em contato direto com as palavras memória e lembrança. De origem do latim, etimologicamente os vocábulo são interligados, quando “lembrar” vem de *memorare*, que significa “recordar”, que sofre alterações e passa a *mem'rar*, a *membrar* e depois a *lembrar*; memória que se origina de *memor*, que significa “aquele que se lembra”; e recordação vem de *recor*, “lembrar-se, trazer à mente”, uma palavra formada da junção de *re*, “de novo”, mais *cor*, “coração”. A correlação entre memória e afetividade se faz compreensível, quando para os romanos o coração era a sede da memória, e permite pensar na relação entre a memória e o afeto, conforme descrevem os versos de Prado (1993, p. 99): “[...] O que a memória ama fica eterno. Te amo com a memória imperecível”.

De qualquer modo, quando nos colocamos como narradores de nossa própria vida ou parte dela, as lembranças assumem “[...] certa coerência por meio de laços lógicos entre acontecimentos chaves [...], e de uma continuidade, resultante da ordenação cronológica” (POLLAK, 1989, p. 13). Narramos porque reconstruímos nós mesmos como indivíduos e construímos nosso lugar social e nossas relações com os outros e o mundo.

A compreensão de memória como trabalho, tal como defende Pollak (1989), corrobora com os estudos de Bosi (1994, p. 55), quando nos remete o olhar às lembranças dos velhos como fonte de memória mais contextualizada e definida, e afirma que “[...] lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”.

² Relato de experiência da alfabetização com a *Cartilha Caminho Suave* de uma das autoras: Norma Sandra de Almeida Ferreira.

O ato de lembrar, para Bosi (1994), é visto como um processo interior de trabalho, um ato de reconstituição, que se move em ação e atuação do sujeito que esquadrinha no acontecimento, em busca dos detalhes reconstituindo as cenas, as formas, as cores, os gestos, as pessoas, os lugares, que se mostram perdidos em pastas sem nomeação colecionadas nas estantes da memória. Não lembramos o todo de uma circunstância, lembramos parte, visto que somente alguns fragmentos se destacam na reminiscência, de modo que se “[...] as lembranças às vezes afloram ou emergem, quase sempre são uma tarefa, uma paciente reconstituição” (BOSI, 1994, p. 39).

E o processo de reconstrução de uma lembrança decorre de um dado momento oportuno ou de uma provocação, em que, segundo Certeau (1994, p. 158), “[...] o resplendor dessa memória brilha na ocasião”. Para o autor, a ocasião armazena todo um saber acumulado em volumes condensados, em que modifica, transforma a situação, o que a coloca numa espécie de “nó tão importante em todas as práticas cotidianas”.

Por ser vista como um “nó” no processo de rememoração, a ocasião, de acordo com Certeau (1994), apresenta uma série de variações que requer uma diferença entre o tempo e o espaço, e uma diferença entre “ser estabelecido” (um estado) e “fazer” (produção e transformação). Neste jogo de diferenças, a memória age como transformadora de espaços em que, “[...] segundo o modo do momento oportuno (*kairós*), ela produz uma ruptura instauradora” (CERTEAU, 1994, p. 161).

Age em forma de “golpes”, conforme descreve Certeau (1994, p. 161), em que modifica estruturas antes formadas, a ordem estabelecida, provoca uma “mudança que tem como condição os recursos invisíveis de um tempo que obedece a outras leis e que, por surpresa, furta alguma coisa à distribuição proprietária do espaço”.

Para Certeau (1994) a memória não possui uma organização já pronta e inteiramente estruturada, mas antes se movimenta, ou se articula frente ao que acontece, num jogo de “surpresas”, de uma imagem, de uma pergunta. Conforme oportunizamos nas entrevistas, habilitando a transformar-se em uma “ocasião”, num encontro casual, nas provocações postas pelo outro, caracterizando como um “jogo múltiplo de alteração”, por se constituir de fato externo e reunir marcas do outro em que a configura como um ato de fazer-se presente pelo outro. A memória é atingida pelas circunstâncias, por situações provocativas, que produzem respostas.

Esse regime de alteração respondente organiza, momento após momento, o tato que acompanha a insinuação num conjunto circunstancial. A ocasião, apreendida quando surge, seria a própria transformação do toque em resposta, “uma inversão” da surpresa esperada sem ser prevista: aquilo que o acontecimento inscreve, por ser mais fugitivo e rápido que seja, é devolvido, é-lhe devolvido em palavra ou em gesto. Lance a lance (CERTEAU, 1994, p. 164).

Por isso a resposta que se tem a cada circunstância provocativa à memória é singular, seja num gesto, numa palavra, numa imagem, num detalhe, numa forma de olhar; torna-se particularidade que contém uma força demonstrativa que atua diretamente e intervém na memória. Pelas singularidades que lhe operam, a memória apresenta outra característica, que é a mobilidade, pois a lembrança altera fragmentos, em que, segundo Certeau (1994, p. 165), um “espaço de um não-lugar se move com a sutileza de mundo cibernético”.

“Alguém estudou nesta cartilha? (...) Será de grande ajuda para nós!”

Para localizar um conjunto de possíveis entrevistados, primeiramente, empreendemos uma busca exploratória entre pessoas conhecidas ou próximas do convívio familiar e profissional das autoras. Em quase quatro meses de consulta, reunimos seis (06) pessoas que haviam estudado com a *Cartilha Caminho Suave*. Deste número, apenas três (3) se dispuseram a participar de uma entrevista semiestruturada³, que elaboramos para este trabalho.

Na tentativa de ampliar o universo de entrevistados, criamos uma segunda estratégia de busca. Daquele círculo mais próximo de nós, anteriormente percorrido, saímos para um mundo totalmente desconhecido, imprevisto e de extensão descontrolada. Ousamos fazer uma postagem na rede social *Facebook* de uma das pesquisadoras, reproduzida abaixo:

³ A entrevista trouxe um roteiro solicitando o registro dos dados dos participantes da pesquisa, como nome, idade, formação e atuação profissional, endereço etc., além das seguintes questões sobre suas memórias sobre *Cartilha Caminho Suave*, assim resumidas: 1. Onde cursou e quando foi o ano de sua alfabetização; 2. Aponte lembranças ligadas à Cartilha; 3. Destaque seus aspectos tipográficos e editoriais; 4. Descreva uma situação de ensino/aprendizagem; 5. Relate impressões, sentimentos ligados ao uso da Cartilha; 6. Descreva modos utilizados pelo adulto alfabetizador; 7. Indique lembranças marcantes ligadas às atividades realizadas; 8. Você gostou do processo de alfabetização a que foi submetido?

Imagem 1 – Postagem sobre a pesquisa



Durante os três primeiros dias da postagem, obtivemos oitenta e sete (87) curtidas, quarenta e cinco (45) compartilhamentos do *post*, quarenta e três (43) comentários, cinquenta e cinco (55) pessoas que responderam afirmativamente terem estudado nesta cartilha. As respostas à nossa mensagem se mostraram um material interessante para compor a análise, por descrever algumas impressões sobre a Cartilha, ora apenas expressando uma “curtida”, ora descrevendo em palavras. A mensagem foi compartilhada na rede social de outras pessoas ou grupos comuns, como, por exemplo, “Grupo de Educação de Professores do Município de Pouso Alegre”, o que nos colocou em contato com muitas pessoas em pouco tempo.

A extensão e a velocidade da mensagem colocada no *Facebook* permitiram ampliar, de forma mais rápida, para além dos três (03) possíveis entrevistados

da pesquisa presencial, alcançando um número muito maior de pessoas – cinquenta e duas (52) responderam que desejavam participar de nossa pesquisa, para as quais foram disponibilizadas as questões da entrevista.

Em outra busca *on-line* foi possível acessar mais duas páginas na rede social, em que as pessoas compartilham as lembranças relacionadas às suas experiências na alfabetização com a cartilha, que são: “Cartilha Caminho Suave”⁴ e “Sou dessa época”⁵. Essas duas páginas do *Facebook* mostraram-se bastante interessantes porque traziam lembranças entusiasmadas sobre experiências com a *Cartilha Caminho Suave*, permitindo que incorporássemos ao universo de entrevistados alguns daqueles que haviam feito suas postagens com comentários.

No final, reunimos onze (11) pessoas⁶ que responderam aos questionários e um número significativo de comentários postados nas páginas “Sou daquela época” e na página “Cartilha Caminho Suave”, que, em comum, apresentam escritos sobre a experiência de terem sido alfabetizados pela *Cartilha Caminho Suave*. Empreendemos um estudo exploratório abordando todo este material⁷, aproximando aspectos revelados acerca das lembranças que os entrevistados destacavam, como eles se expressavam em relação a elas, quanto: à materialidade, aos usos, às situações de ensino-aprendizagem; às relações professora-alunos; à aceitação ou não do processo de alfabetização a que foram submetidos.

⁴ Nesta página, seu criador estampa a capa da cartilha, e a postagem traz uma imagem das famílias silábicas e da página da lição do “Navio”, tal como aparecem em uma edição da *Cartilha Caminho Suave*. Lança o seguinte convite aos seus amigos: “Vamos colocar caso lembrem a escola, ano e professora que estudaram”, e expõe vinte e cinco (25) postagens com avaliações e comentários sobre esta Cartilha. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/Cartilha-caminho-suave-409070859202077/reviews/?ref=page_internal. Acesso em: 31 ago. 2017.

⁵ “Sou desta época” é uma página que traz apenas uma postagem sobre a cartilha: “Cartilha Caminho Suave 1981”. Esta página apresenta um número maior de visualizações em comparação com o anterior da página no *Facebook* da “Cartilha Caminho Suave”. Observa-se um número de 1,4 curtidas, 386 compartilhamentos e 89 comentários. A postagem traz uma imagem interna da cartilha, com marcas de uso, das páginas 4 e 5, sobre a lição da “Barriga”, o que parece corresponder às imagens de uma das edições da década de 1980. Disponível em: <https://www.facebook.com/eusoudessaepocaoficial/photos/a.388192521551405.1073741828.387835908253733/464769887227001/?type=3&theater=&>. Acesso em: 31 ago. 2017.

⁶ Em alguns momentos no texto, chamaremos de “depoentes”, tanto os sujeitos que participaram das entrevistas semiestruturadas quanto aqueles que postaram comentários na mídia virtual. Para manter a integridade dos participantes, não serão mencionados os nomes daqueles que cederam os depoimentos. Para a distinção da análise usaremos: “Postagem, data e hora”, para o material virtual, e “Entrevista, número, data, letra inicial do depoente”, para as entrevistas cedidas à pesquisa.

⁷ Por questões de espaço, não nos alongaremos nas condições de produção das respostas enviados pelos participantes, em seus dois desdobramentos metodológicos: conhecidos/presencial e (des)conhecidos, em redes sociais. Trabalharemos neste texto com a ideia de representação conforme estudos trazidos pela História cultural. Para Chartier (1990), por exemplo, as representações do mundo social construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses do grupo que as forjam, pelos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. São modos distintos de dar inteligibilidade ao mundo, construções a determinada realidade social em diferentes lugares e momentos e produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo, num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação (CHARTIER, 1990, p. 17-27).

São diversos os guardadores de lembranças da Cartilha

A grande maioria dos comentários postados, noventa e nove (99) e onze (11) entrevistas cedidas, foram realizados por mulheres, com exceção de doze (12) homens que registraram suas lembranças nas páginas *on-line* e aceitaram responder nosso questionário. Talvez, a temática das páginas utilizadas por nós – assunto escolar – mobilize mais as mulheres, considerando que esse gênero é o predominante no magistério, que tradicionalmente assume a responsabilidade na educação dos filhos, e parece que tem uma relação mais “acomodada” com a escola, nela permanecendo mais tempo⁸, entre outros.

Entre os que registraram idade, podemos dizer que os entrevistados regulam entre 34 a 54 anos, sendo que a faixa dos quarenta apresenta maior concentração. Associando idade com a data marcada por eles como o ano em que estudaram na *Cartilha Caminho Suave* (décadas de 70 e 80; segunda metade dos anos 60 e o ano de 90), podemos afirmar que pelo menos três gerações foram alfabetizadas por esta cartilha e dela guardam boas lembranças: “Bons tempos, onde tudo era mais simples, mas funcionava e todo mundo aprendia. O caminho realmente era mais suave!” (Postagem “Cartilha Caminho Suave”, 30 mar., 2014, Avaliações).

Os comentários vieram de várias cidades da região sul mineira, mas também de outros estados como São Paulo, Paraná e Mato Grosso do Sul. Esse desenho da disposição geográfica nacionalmente aponta para a ideia de que esta cartilha tem uma circulação que persiste ao longo do tempo, como também se estende por estados além do de São Paulo, onde sua autora a editou e atuou como professora⁹ e, por espaços não exclusivamente urbanos, como lemos no seguinte comentário: “Morava na roça tudo muito simples minha mãezinha vendeu um monte de galinhas na cidade pra comprar 1 dessa, para 3 irmãos estudar... Me emocionei de ver (...)”. (Postagem “Sou dessa época”, 5 ago., 2017, às 22:46).

As pessoas que pudemos acessar e entrevistar caracterizam-se por formações e atuações profissionais muito distintas. Nas páginas visitadas da rede social *Facebook*, as pessoas não informaram sua formação profissional, mas se colocaram como adultos (alguns deles, mães) que hoje se lembram dos (bons) tempos da infância na escola: “Era ótima, queria poder achar alguma p comprar p ensinar meu filho...” (Postagem “Sou dessa época”, 06 ago., 2017, às 09:31).

⁸ Segundo estatísticas divulgadas no censo demográfico 2010, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a frequência escolar feminina tem aumentado, em torno de 10%, no ensino médio e entre os universitários de 18 a 24 anos, em relação à masculina, na última década. Disponível: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: agosto de 2017.

⁹ A autora, Branca Alves de Lima (1911-2001), lançou a *Cartilha Caminho Suave*, em 1948, sendo reconhecida como um fenômeno editorial. Como sabemos, Branca A. de Lima publicou a cartilha apoiando-se em sua experiência como professora primária em várias cidades do interior de São Paulo.

Nas entrevistas realizadas, apenas dois profissionais têm formação técnica (contabilidade e magistério), atuando como profissional de vendas/designer de interiores e secretária de uma instituição. Os demais formaram-se em cursos superiores em diferentes áreas – Letras, Pedagogia, Psicologia, Engenharia de Alimentos, Ciências Biológicas – além de terem cursado programas de pós-graduação ampliando sua formação inicial. A maioria deles (06) atua na área da educação, como professores universitários ou da educação básica, como supervisora ou diretora de escolas.

Na leitura e análise deste material, inferimos que as pessoas que aceitaram o convite de falar sobre a *Cartilha Caminho Suave* são adultos, em sua maioria, com idade entre 40 e 50 anos, do gênero feminino, que atuam em profissões diferentes. O que deve ter motivado tão prontamente a iniciativa de responder sobre um assunto tão antigo e de caráter escolar e não necessariamente sobre qualquer outro: esporte, política, amizade, literatura, etc.?

No caso de três entrevistas de pessoas próximas de uma das autoras e dos demais entrevistados alcançados pela página do “Facebook¹⁰ de Ilsa Vieira Goulart” foi a generosidade de atender a seu pedido e poder colaborar na pesquisa. No caso dos usuários das páginas “Sou Daquela Época” e “Cartilha Caminho Suave”, o assunto pode ter sido compartilhado como qualquer um outro que também provocasse nos leitores uma ideia de reconhecimento de pertencer a um mesmo grupo, como, por exemplo, ter sido alfabetizado pela *Cartilha Caminho Suave*. Uma provocação que convoca um material de outro tempo e lugar e que poderia ficar para sempre esquecido, se não registrado, se não acolhido por outros a lhe dar vida, existência, visibilidade.

Tal qual em um diário tradicional, as páginas de *Facebook* registram momentos considerados pelo autor como importantes de serem revigorados no e pelo tempo. Mas diferentemente dele, em que o interlocutor é o próprio autor, nas páginas virtuais, a escrita traz, mais fortemente, inscrita um leitor que pode não ser tão próximo do convívio familiar e social, que intenciona ampliar o seu público alvo, que espera afetá-lo para que mais rapidamente, e em maior número possível, receba de volta a aceitação daquilo que o autor quis compartilhar.

¹⁰ Sem querer estereotipar ou resumir pessoas a uma homogeneidade, os sujeitos que publicam nas mídias sociais (no caso, *Facebook*) buscam encontros e interações que extrapolam os espaços físicos e sociais, as relações presenciais, quebrando dicotomias como público e privado, solidão e compartilhamento; perto e longe; familiar e pouco conhecido etc. Seus usuários, em textos bem curtos, seguidos ou não de imagens, versam sobre os mais diferentes assuntos sobre poetas famosos, outros nem tanto; sobre descobertas científicas; fatos políticos; hábitos familiares e exercícios saudáveis; sobre *flashes* atuais de sua vida (festas, casamento, nascimento) ou de cenas do seu passado (infância, escola, amizades), em uma composição em que tudo isto pode vir junto e misturado. Nessas páginas, conversas sobre infância, sobre família, acontecimentos marcados por rituais de passagem (nascimento, casamento, aniversários), assim como viagens e festas, ganham um estatuto de compartilhamento de experiências comuns entre gerações configurando uma rede.

Uma escrita que se preocupa em compor uma imagem pública do próprio autor a partir de aspectos majoritariamente positivos (feliz, bonita, inteligente, bem-sucedida, bem conectada, etc.), mesmo que para isto precise trabalhar com programas de edição, adequando-a ao público virtual, mais amplo e nem sempre tão amigo assim. Manifestar-se a respeito da cartilha com a qual foi alfabetizada, em um tempo que não é o mesmo da publicação de suas lembranças, é compartilhar espaços vividos ora evidentes, ora recônditos, ora embaçados parcialmente compreensíveis entre os labirintos da memória, que, ao serem expostos aos outros, liberam e acionam emoções, aguçam as possibilidades de narrar. No caso, uma cartilha impressa, presente em um momento que seu proprietário considera significativo de sua vida, guardada fisicamente junto ao seu usuário, funciona como (re)construção de reminiscências de uma determinada pessoa, mas também de outras que ao compartilhar cria a ideia de pertencimento de um tempo, de um lugar, de uma cena: “Estudei com a *Caminho Suave* em 1975, com 7 anos. Tenho ela guardada até hj!” (Postagem “Sou dessa época”, 5 ago., 2017, às 22:01)¹¹.

Boas lembranças! Bons tempos!

Inicialmente chamou-nos atenção o tom saudoso e generoso que orienta a avaliação da *Cartilha Caminho Suave*, tanto nos comentários postados nas páginas do *Facebook*, como nas respostas dadas pelos entrevistados ao questionário, como por exemplo: “Tempo maravilhoso em que ir a escola era algo mágico, aprender dia a dia algo novo, o orgulho enchia o nosso peito por poder dizer ‘Já sei ler’ somente restou a saudade e a gratidão por professores (as) Heróis e Heroínas...” (Postagem “Cartilha Caminho Suave”, 8 jan., 2017, avaliação).

Os textos bastante curtos são recheados de expressões ligadas à positividade de um tempo (infância), de um lugar (escola), de pessoas (professora, mãe), de um material didático (cartilha), de modos de interação (entre o adulto que ensina a criança a descobrir), etc. São expressões – ligadas ao “prazer”; “beleza”; “carinho”; “respeito”; “paciência”, “cuidados”; “tranquilidade”; “encantamento”, etc. – que remetem a um campo semântico que privilegia uma visão harmoniosa do “tempo perdido”, sem marcas de dificuldades enfrentadas, decepções e sofrimentos vividos pelos autores dos textos.

¹¹ Em pesquisas recentes, Goulart (2009, 2011), Goulart e Ferreira (2015) buscam entender o porquê pessoas conservam, por anos a fio, os primeiros livros usados na escola, levando-os consigo a cada mudança de casa, de cidade, sendo preservados por décadas; o porquê, materialmente, esses livros ganham um valor carregado de sentidos efetivos, mais que pragmáticos ou econômicos. Ter o livro no qual estudou um dia pode remeter a outros sentidos circunscritos ao campo da afetividade (lembrança de um ente querido, de um tempo feliz) e da valorização do saber e do prestígio que ele representa em uma sociedade escriturística (FERREIRA, 2014).

Nas páginas da rede social do *Facebook*, de forma mais acentuada, a imagem da *Cartilha Caminho Suave* funciona como um amuleto de memória de um tempo, para cada um dos publicadores dos comentários, para todos eles reunidos em uma rede em que se reconhece coletivamente e em que são abastecidos para que eles não se percam, não desapareçam, não sucumbam no mundo atual, como podemos ler: “Eu amava aprendi a ler com ela sinto saudades desse tempo foi muito bom”. (Postagem “Sou dessa época”, 5 ago., 2017, às 23:24); “Saudade da época dessa cartilha aprendi muito com ela... tempo bom que não volta mais só resta #Saudade” (Postagem “Sou dessa época”, 5 ago., 2017, às 21:20); “Nossa muita saudades (Postagem “Sou dessa época”, 5 ago., 2017, às 09:36); “aiiiii como era bom meu Deus... coração chega doe! (Postagem “Sou dessa época”, 6 ago., 2017, às 10:39); “Nossa saudades (Postagem “Sou dessa época”, 5 ago., 2017, às 18:39); “Saudades desta época! (Postagem da página “Sou dessa época”, 5 ago., 2017, às 23:21) “; “Fui alfabetizado com esta cartilha! Bons tempos! Boas lembranças!!!! (Postagem “Cartilha Caminho Suave”, 29 jul., 2017, avaliação)”, entre outros.

Se a imagem da cartilha dispara um tempo feliz da infância, na escola, também a professora que ensinou as primeiras letras, o abecedário, o bê-a-bá, a ler e a alfabetizar a pequena criança, de outrora, é lembrada (pelo nome) pelos entrevistados como uma figura inesquecível. À Cartilha é agregada a lembrança dessa professora, que para alguns foi um tanto distante, exigente, rigorosa e brava sem deixar, porém, de ser carinhosa, respeitosa, dedicada, conforme podemos ler nas respostas dadas à questão 8, “Indique lembranças que o marcaram ligadas às atividades escolares”, como, por exemplo: “A afetividade por parte da professora me marcou muito. Esse respeito, ainda que acompanhado de certa rigidez (acho que era comum na época) [...] mas o carinho da professora foi, sem dúvida, um grande incentivador” (Entrevista 2, 2017, D.); “Lembro muito bem da minha professora da 1ª série, o nome dela era Guiomar, uma senhora já, cabelos brancos, gostava muito dela, pois lembrava minha vó. Ela tinha uma voz calma, e não lembro de ela gritar em sala. As vezes ficava brava com alguns alunos que não obedeciam e não queriam fazer as lições” (Entrevista 7, 2017, L.); “A professora Lenira era muito querida por todos da escola, era carinhosa com os alunos [...]. Os alunos da sala também tinham um carinho muito grande por ela” (Entrevista 10, 2017, M.).

Não só a professora fez uso desta Cartilha para alfabetizar. Também e principalmente a mãe – “uma mãe de um filho autista de 11 anos está tentando alfabetizá-lo com a *Caminho Suave*, visto que a escola pública não teve tal cuidado” (Entrevista 5, 2017, R.). E, ainda, a proprietária do apartamento que quer ajudar o funcionário da limpeza a se alfabetizar, ou a tia que “(...) anos atrás usei esta cartilha (...) para alfabetização do meu sobrinho (...)” (Postagem

“Caminho Suave”, 9 abr., 2016, avaliação); ou ainda o pai que, ao justificar o motivo que o levou a criar a página “Cartilha Caminho Suave”, assim se coloca: “dia 19 de julho de 2013, quando fui mostrar a minha filha, Victoria, como o papai estudava. Ela se interessou e achou muito mais fácil do que o método que ela estava aprendendo numa escola particular. Logo comecei a imprimir as folhas da cartilha, ela começou a entender e assimilar figuras e letras e em menos de 2 meses ela já estava juntando as letras e formando palavras” (Entrevista 11, 2017, R.).

De qualquer modo, são adultos que escolheram, dentro de um mercado vigoroso na produção de cartilhas, alfabetizar pela *Caminho Suave*, acreditando ser ela eficiente, produtiva, facilitadora do processo de alfabetização. Há uma apologia à cartilha entendida pelo método que é o melhor, que é o mesmo em que o adulto fora alfabetizado e que escolhe para alguém que irá alfabetizar: “usei esta cartilha (qual fui alfabetizada) [...] pois [este] método para ele foi melhor!!! Sucesso!!! [...]” (Postagem “Cartilha Caminho Suave”, 9 abr., 2016, avaliação). Uma visão que é reforçada nos registros feitos pelos entrevistados e publicadores nas páginas virtuais: “Eu gostei [da alfabetização a que fui submetido] porque foi bastante efetiva e significativa. Eu gostei. Não conheço outro processo para poder dizer se teria sido melhor ou pior, mas considero que foi bastante eficaz. Aprendi o que era esperado, no tempo esperado e consegui seguir adiante até o último grau possível de formação acadêmica (pós-doutorado)” (Entrevista 4, 2017, A.), com exceção de apenas um que lembrou-se da cartilha associando a sua repetência: “Eu tive uma mas repeti de ano kkkkk”, (Postagem “Sou dessa época”, 5 ago., 2017, às 10:57).

A *Cartilha Caminho Suave* ganha, assim, longevidade porque os alfabetizados por ela um dia a retomam para ensinar o filho, o sobrinho, o funcionário etc. Uma tradição que ignora os inúmeros dos novos produtos colocados no mercado editorial e o debate construído no tempo em torno de outros métodos e outras perspectivas de alfabetização. Uma tradição movimentada pelas práticas aprendidas e ensinadas culturalmente que dão sentidos aos modos de alfabetização.

São suaves, o caminho para a alfabetização

Ao expressarem sobre os modos de uso da Cartilha e as atividades propostas, em sala de aula, deparamos com a presença enfática de aspectos ligados a um método conhecido como tradicional e denominado “analítico-sintético”, já suficientemente estudado por diferentes pesquisadores como Mortatti (2000); Soares (2003), para citar apenas alguns contemporâneos. De fato, é este método que orienta o uso desta cartilha, conforme texto de apresentação

“Aos professores”, escrita pela autora, na edição de 1965: “[...] baseei meu processo de ‘Alfabetização pela Imagem’ no ‘Método Analítico-Sintético’, mas¹² partindo da palavra”, descrito por Lima (1965, p. 3).

Assim, os depoimentos, com pequena variação entre eles, descrevem o ensino das letras e das famílias silábicas, uma a uma, “[...] indo das sílabas simples às mais complexas [...]” (Entrevista 8, 2017, S.), sequência proposta pela autora deste material, como podemos verificar: “[...] foram escolhidos vocábulos familiares e de fácil articulação”.

A rotina diária, em sala de aula, é também relatada nos depoimentos dos entrevistados. Inicia com a escrita do cabeçalho (nome da escola e data do dia) pela professora na lousa/quadro negro e depois segue praticamente a mesma sequência de atividades orientada (comandada) pela professora: apresentação das sílabas escritas na lousa; leitura oral da lição (família silábica trabalhada) da professora pela cartilha; pedido para que ouçam sua leitura oral; solicitação da leitura oral, ordenada por fileiras, de um trecho, individual, feita pelo aluno; acompanhamento da leitura oral dividida em grupos; solicitação da leitura individual silenciosa, pelo aluno, na carteira; cobrança da leitura individual de cada aluno. Também a leitura, várias vezes, diariamente, dos cartazes fixados acima da lousa, talvez “espelhando” as orientações da autora da Cartilha: “Com a leitura sistemática dos ‘Quadros Menmônicos’ a criança adquirirá facilidade, segurança e rapidez” (LIMA, 1965, p. 3).

Assim a prática da leitura, repetidamente, é orquestrada de modos diferentes pela professora enquanto: alunos veem a escrita na lousa e ouvem; alunos acompanham pela cartilha; alunos – individualmente – realizam uma leitura oral fragmentada em trechos; alunos e grupo oralizam a lição de forma fragmentada; alunos leem/estudam a lição, silenciosamente, na carteira; alunos estudam/treinam a leitura, em casa; alunos são cobrados pela professora, no dia seguinte, sobre a família silábica estudada. Uma leitura insistentemente ouvida, vista, oralizada, “declamada”, treinada, até que a turma não errasse mais, como no depoimento: “A professora apresentava a lição a ser estudada, lia conosco e em seguida escrevia-se na cartilha a atividade. Era feita a leitura dos cartazes fixados acima da lousa várias vezes diariamente. Feito isso tínhamos que fazer a cópia no caderno. De tarefa, tínhamos que copiar novamente a lição e fazer a leitura em casa, fazer na caligrafia as sílabas passadas pela professora. No dia seguinte a professora chamava em sua mesa para fazermos a leitura da

¹² A conjunção adversativa (mas) na perspectiva da autora indica sua opção por um método que tem centralidade a palavra e não o texto que também remete ao ensino pelo todo defendido por outros autores, como João Köpke em 1890, por exemplo (FERREIRA, 2017), ligados ao ensino pelo analítico. Branca A. de Lima (1965, p. 3) assim justifica sua posição: “Tenho observado que a criança encontra dificuldade em formar sentenças completas à vista de uma gravura, mas diz espontaneamente: gato, cachorro, faca etc.”.

lição e com a classe fazer a leitura oral dos cartazes. Assim a professora dava prosseguimento nas lições. Minha professora soube cativar a classe e tudo acontecia de maneira natural, sem imposições” (Entrevista 8, 2017, S.).

Se a leitura ocupava grande parte do fazer na sala de aula, também a escrita – entendida como “cópia” do escrito na lousa, do escrito pela professora no topo da folha do caderno, da cartilha – é prática frequente, sistemática e repetidamente presente no dia a dia, conforme os depoimentos reunidos por nós. Ensinada ao mesmo tempo que a leitura, parece atender às orientações dadas em “O ensino da escrita”, pela autora da Cartilha (1965): “Preceituando a pedagogia moderna que se ensine simultaneamente a leitura e a escrita, convém iniciar mediante os primeiros passos deste aprendizado. A professora irá ao quadro negro e escreverá um **a** de fôrma e ao lado outro de mão [...]”, segundo Lima (1965, p. 4).

Uma escrita que é vista porque a professora escreve inicialmente na lousa, que é ouvida porque apontada pela mestra na lousa, no cartaz, na cartilha, que é destacada pelo traçado de cada letra cursiva (aquela que deve ser escrita no caderno) e de impressa (aquela que deve ser lida na cartilha), também maiúsculas e minúsculas. Uma escrita que é cópia, especialmente para aprender o traçado das letras: exercício de caligrafia, como destaca R. em seu depoimento: “A cartilha era aberta pelos alunos na carteira, a professora desenhava a letra a ser usada e o formato, se era letra maiúscula ou minúscula, como evitávamos escrever na cartilha para que pudesse ser utilizada por muito tempo, usávamos um caderno de caligrafia onde copiávamos as letras, eram normalmente 20 linhas que no começo eram pontilhadas e posteriormente fazíamos como lição de casa que quando começava a aula no dia seguinte a lição dada a professora corrigia cada caderno individualmente e caso a letra em questão não ficasse de acordo tínhamos que repeti-la até chegar ao formato correto” (Entrevista 11, 2017, R.).

A escrita funcionava também para memorização da letra e da família silábica estudada que eram solicitadas a serem reproduzidas no caderno, na própria cartilha ou não: “[...] lembro que a professora Regina apresentava as sílabas na lousa e depois abria a cartilha na página em que aparecia a sílaba a ser trabalhada. Era algo meio decorado, pois me recordo de repetir B+A+BA, B+E=BE, etc. Além da cópia das palavras, com as sílabas na cartilha, tinha um caderno de caligrafia, no qual copiava as palavras que a professora escrevia no topo do caderno de caligrafia” (Entrevista 2, 2017, D.).

Para memorizar letras, sílabas e palavras, um outro recurso era utilizado nesta associação leitura-escrita: realizar uma busca em revistas ou jornais de figuras de objetos, cujos nomes traziam a letra inicial estudada na classe: “A lição era complementada com figuras referentes às letras que estávamos estudando e nossa maior dificuldade era arranjar um jornal ou revista para colar nas folhas” (Entrevista 11, 2017, R.).

Mas a escrita também servia para a professora avaliar a aprendizagem ou escrita na lousa, pelos alunos, como modelo aos colegas: “[...] Também fazia com que escrevêssemos na lousa as palavras da cartilha” (Entrevista 9, 2017, I.).

Lição de casa no caderno reforçando a lição estudada no dia; lição vista, lida e copiada várias vezes e complementada por recortes de figuras (desenhos) de jornais ou revistas, cujos nomes começavam pela letra estudada que deveriam ser colados no caderno: lição cobrada e corrigida pela professora em uma aprendizagem que os alunos associam escrita (cópia) à leitura (oralização), pela força da repetição pelos alunos: “Foi o melhor método sem dúvida! Bons tempos, onde tudo era mais simples, mas funcionava e todo mundo aprendia. O caminho realmente era suave!” (Postagem “Cartilha Caminho Suave”, 30 mar., 2014, avaliações).

Uma (minha) Cartilha bonita, colorida e amada

Mas aprender a ler e a escrever não pode ser apenas repetir oralmente ou decodificar a escrita de letras, palavras, tampouco copiar o lido/visto/ouvido à exaustão. Aprender a ler e a escrever é também, como vemos fortemente nos depoimentos recolhidos por nós, encantar-se com os desenhos (figuras) e com o colorido das letras e imagens. É deparar-se com um objeto cultural (a cartilha) arquitetada no polo editorial e no plano pedagógico, para conquistar seus leitores e atender a sua finalidade máxima: “[...] cada desenho excita enérgicamente o interesse, é poderoso auxiliar de intuição e de análise, e oferece apoio à memória” (LIMA, 1965, p. 3).

De fato, nas lembranças da cartilha memorizadas por vários entrevistados, sobressaem a beleza e o colorido de sua capa, de suas páginas, dos desenhos dos objetos e dos traçados impressos das letras, dos “textos sempre ilustrados” (Entrevista 1, 2017, L.).

É a materialidade criando e/ou disciplinando sentidos pela visão, tato, olfato. Segundo Ferreira (2014), os estudos de Roger Chartier colocam em evidência que

Os textos (os discursos) só existem quando materializados em um suporte que os carrega – nas páginas de um livro; nas folhas de um caderno; na voz que o lê ou os narra; encenados no palco; dispostos na tela. Os textos (os discursos) só existem quando inscritos como realidades físicas – em uma letra (traçado), uma tipografia (espaço em branco e texto), em cores e tamanhos – dispostos em uma topografia visual (FERREIRA, 2014, p. 135).

A capa da Cartilha “convida” o leitor a percorrer um “caminho suave”, entre flores e grama verde, conforme relata D.: “A minha cartilha tinha uma menina em plano maior, seguindo um caminho que levará à escola. Achava a capa bem bonita, por causa das cores vivas e da menina com cara feliz” (Entrevista

2, 2017, D.), ou como relembra a depoente: “Duas crianças felizes andando num caminho que parecia de conto de fadas” (Entrevista 9, 2017, I.). A capa metaforiza, assim, aquilo que o título pretendia antecipar ao alfabetizando: uma entrada na escola, tranquila e suave. Nos tempos de 1950 a 80, do século XX, a obrigatoriedade da escola iniciava aos sete (anos) e para muitas crianças era um deixar o mundo privado e familiar para adentrar no espaço público. Nesses tempos as “crianças felizes” eram representadas por um menino e menina, com sapatos, meias brancas, roupas e cabelos impecáveis, vestidos para ambientes sociais. E a escola, ao fundo, um belo e grande prédio, sem grades ou muros, representava uma instituição pública dificilmente encontrada hoje.¹³

Como anunciava na capa, esse caminho suave deveria ser uma “alfabetização pela imagem” (1965), o que leva o traçado da letra e a sílaba a estudar serem destacados pela cor vermelha em uma palavra impressa na cor preta. Ainda que fique bastante forte a ideia de que a cartilha é colorida, com desenhos bonitos – a abelha, o cacho de uva, o bebê, o navio, zabumba, para citar algumas lições destacadas pelos entrevistados –, as diferentes edições que tivemos em mãos reproduzem lições em que os desenhos são esboçados com traços fortes/grossos e pretos (como a opção dada atualmente ao negrito) e o destaque é dado em vermelho apenas na inicial e na sílaba estudada na lição. O colorido poderia ser o preenchimento dos desenhos, como coloca M. (Entrevista 6, 2017, M.): “[...] e os desenhos de dentro eram preto e branco (tenho dúvidas se eram ou não, porque vi no seu post uma lição em preto e branco, mas não consigo lembrar se a minha já era colorida, tenho na memória a vontade de colorir eles, mas não me lembro de colorir pois era material de trabalho da minha mãe. Não sei se cheguei a colorir ele ou escrever nele”.

De qualquer forma, letra, sílaba e palavra vinham em destaque, no topo da página, impressas (em negrito) na cor preta e vermelha e sobrepostas ao desenho, cujo nome inicia pela letra/sílaba estudada. A força do desenho, a alternância de cor e o tamanho da letra muito maior que, normalmente vemos impressos, parecem mesmo cravar visualmente na memória dos entrevistados. Muitos detalham as lembranças do colorido, da beleza, dos desenhos e traçados de letras na página, e ignoram, por exemplo, o enredo que poderia compor o pequeno texto que acompanha o ensino das famílias silábicas, como lemos na narrativa de I. (Entrevista 9, 2017, I.): “Gostava dos desenhos das letras, sempre tentava reproduzi-los. E das letras cursivas achava-as perfeitas”, ou encontramos na descrição de A. (Entrevista 4, 2017, A.): “O que mais chamava atenção eram as divisões por letras, com desenhos, como A da abelha, B da barriga”.

¹³ Sabemos que esta capa esteve presente por várias décadas, conforme relatam entrevistados que cursaram a primeira série em 1974 (Entrevista 9, 2017, I.), 1968 (Entrevista 2, 2017, D.), trazendo, no entanto, representações muito parecidas: duas crianças brancas e felizes, caminhando para a escola em meio a flores.

Assim a força do desenho (imagem) intencionalmente marcada no polo da edição da *Cartilha Caminho Suave* e intencionalmente marcada pela concepção de alfabetização adotada pela autora¹⁴ vêm à tona nas memórias das lições, insistentemente: “Os desenhos me chamavam a atenção por serem coloridos e por terem uma letra ‘redondinha’ que eu gostava de copiar. Particularmente, me lembro do Z-DE ZABUMBA, do B-DE BARRIGA e do C-DE CEBOLA. As fotos (ou desenhos – não me lembro bem) que as acompanhavam eram bem bonitas. As primeiras sílabas chamavam minha atenção por serem escritas em cor vermelha e as demais por serem ‘redondinhas’ – isto é, escrita em letra cursiva, conforme aprendi depois” (Entrevista 2, 2017, D.). Ou então, como descreve M. (Entrevista 6, 2017, M.): “Lembro dos desenhos e das palavras. Principalmente da lição A Jarra, que tinha uma jarra grande desenhada e embaixo as sílabas de Ja, Je, Ji... e depois a formação de palavras. A jarra era a lição preferida da minha mãe”. Ou, ainda, “O que me lembro é de algumas páginas da Cartilha, por exemplo, a letra ‘D’ do DADO, da imagem de um dado, ou do ‘I’ da IGREJA, da imagem da página, do ‘A’ da ABELHA, mas não me recordo dos exercícios e de outras atividades que ela possa ter dado” (Entrevista 10, 2017, M.).

Uma cartilha bonita, na qual podemos aprender a ler e a escrever, inspira zelo e cuidado. É um objeto valioso, em um tempo em que é necessário encapá-lo para resistir a um frequente manuseio por um bom tempo e em alguns casos para ser usado pelo irmão mais novo ou por outra criança, em outro ano, como coloca a depoente: “A Cartilha Caminho Suave foi comprada para mim e encapada por minha mãe de papel impermeável vermelho, mesma cor em que encapou meus cadernos. Para mim era vista como algo muito importante, pois ali continha lições que iriam me ensinar a ler, assim me explicou minha mãe que também era professora” (Entrevista 8, 2017, S.). Um objeto valioso que exige um uso acautelado: “A cartilha foi herdada da minha irmã. [...] Minha mãe fazia com que mantivéssemos o material sempre em muito bom estado, era encapada e sem riscos ou dobras” (Entrevista 9, 2017, I.).

Cartilhas – herdadas dos irmãos mais velhos, compradas com sacrifícios pela mãe; doadas pelo governo, utilizadas por alunos no ano seguinte, material da mãe para ensinar na escola – circularam de mão em mão, encapadas com plásticos azul, vermelho, transparente, tornaram-se um objeto valioso não descartável: “Tínhamos todo o cuidado em relação ao manuseio pois a mesma

¹⁴ Segundo a autora, a alfabetização é produtiva porque a visualidade é central em seu método, quer no traçado da letra quer na associação entre a figura e a palavra que o nomeia, facilitando assim a aprendizagem da criança, oferecendo um caminho suave, como ela coloca: “Consiste esse processo em relacionar a sílaba inicial de cada vocábulo com um ‘**desenho** chave’. Quando a criança vê a escrita de determinada sílaba ou letra, imediatamente associa os sinais gráficos que a representam à imagem do **desenho** a que está ligada, acordando na idéia o som correspondente” (LIMA, 1965, p. 3, grifos nossos).

seria usada no ano seguinte para outros alunos. Era muito divertido no começo de cada ano ajudar nossa mãe a encapar com um plástico azul para que ela não sujasse. Minha irmã no ano seguinte usou a mesma cartilha, usávamos lápis e no final de cada ano tínhamos que apagar para ser reutilizada” (Entrevista 11, 2017, R.).

Cartilha Caminho Suave ficou na memória dos depoentes como bonita, colorida, bem cuidada, estudada por um ritual em que a rotina diária das atividades abundantemente repetidas era o mote e a professora era o centro. A lembrança reconstituída traz a relação da criança com um objeto que é mediado pelo adulto, nos cuidados para sua conservação (encapar, não riscar, não fazer dobras), nas propostas de visualização, oralização, leitura, escrita (cópia e caligrafia) da letra, sílaba, famílias silábicas, pequeno texto, lista de palavras, letra impressa e cursiva associadas ao desenho que estampa no seu formato, em destaque, o conteúdo a ser aprendido na lição. A lembrança da cartilha é ressignificada, em outro momento diferente daquele marcado pela infância e pela iniciação à leitura e à escrita, por isso amada: “aiiiii como era bom meu Deus... coração chega a doer!!!” (Postagem “Sou dessa época”, 6 ago., 2017, às 10:39).

“Essa cartilha é maravilhosa. Poderia voltar pois as crianças aprenderiam mais”¹⁵

Se acatássemos os depoimentos como “verdades”, seríamos levados a concluir que a *Cartilha Caminho Suave* e, por consequência, o método – sintético-analítico – proposto por ela é a solução ainda não concretizada para a alfabetização no nosso país¹⁶. As lembranças trazidas pelos depoentes são marcadas por uma aprendizagem que, sendo rotineira, foi isenta de dificuldades e atropelos e sempre acompanhada pelo carinho e dedicação de um adulto. Foi bom e prazeroso!

É provável que essa imagem amorosa e saudosa ligada à infância de seus autores possa ter sido provocada pelo processo seletivo próprio da memória, próprio do narrador que inscreve seu interlocutor no texto, próprio do suporte do seu relato (mídia virtual, uma entrevista, escrita acadêmica) e, ainda, próprio do gênero. Memória não é expressão de um tempo pela linguagem de forma neutra e transparente, e tampouco verdade de algo que foi um dia. Memorar é um narrar, em que o sujeito elege fragmentos de seu vivido, dá sentidos às referências de um tempo e lugar, que, segundo nos mostra Certeau (1994, p. 63), “[...] vem de alhures, ela [a memória] não está em si mesma e sim noutro

¹⁵ Depoimento de uma das postagens da página “Sou dessa época”, 5 de agosto, 2017, às 10:02.

¹⁶ Entre todos os depoentes, apenas um (01) declara: “Eu tive uma, mas repeti de ano kkkk” (Postagem “Sou dessa época”, 5 ago. 2017, às 10:57).

lugar, e se desloca”, por isso se caracteriza pelo “jogo múltiplo de alteração”, por se constituir de fato externo e reunir marcas do outro que a configura com um ato de fazer-se presente pelo outro.

Apoiados em “pontos de referências” que estruturam nossa memória e que a inserem na memória coletiva em que vivemos (HALBWACHS, 2006), os depoimentos trazem na linguagem (escrita) suas experiências, para fazer frente ao esquecimento de si mesmos, de nós, do mundo e para nos sentirmos aderidos ao interior de uma comunidade afetiva (HALBWACHS, 2006).

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela [a memória] não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Ao querer contar e reencontrar-se com o(s) outro(s), os depoentes elegeram da *Cartilha Caminho Suave* apenas aspectos positivos e afirmativos sobre sua materialidade, seus usos, sua finalidade e sobre as condições em que ela estava inserida. “Fui alfabetizada com esta cartilha! Bons tempos! Boas lembranças!” (Postagem “Cartilha Caminho Suave”, 29 jul. 2017, avaliação).

Como então entender o debate sobre a alfabetização que se estende há pelo menos dois séculos, sobre concepções de linguagem e de educação, métodos de alfabetização, sobre o sujeito que, na escola, produz conhecimento na interação com o Outro, por exemplo? (MORTATTI, 2000; SOARES, 2003; SMOLKA, 1988). Como entender que os depoentes (re)afirmam, de um processo em que foram submetidos a uma alfabetização calcada na aprendizagem da língua como código (associação som/letra), por um método que parte do mais simples para o mais complexo, modulada por atividades rotineiras, repetitivas, práticas de leitura e escrita mecanizadas pela decifração, oralização, cópia, caligrafia etc. e, a despeito disso tudo, lembram com afeto e alegria do material e da situação escolar?

Onde estão os sentidos de positividade produzidos por esses depoentes do que tenha sido sua alfabetização? Nos textos da Cartilha? No dito (conteúdo) das lições? No processo de codificação e decodificação da língua? Nas práticas pedagógicas empreendidas pela professora? No fazer rotineiro de ver/ouvir/ler/copiar/traçar letras? Nos modos de avaliação (cobrança) da escola?

Talvez, o “sucesso” atribuído ao uso da *Cartilha Caminho Suave* possa ser compreendido pelo significativo do papel que o “aprender a ler e a escrever” tem em uma sociedade escriturística, que, segundo Certeau (1994), é a prática iniciática moderna. Uma prática que traz agregado o valor de posse de algo que dará ao seu usuário a ideia de pertencimento a uma sociedade que legitima o que vem da e pela escrita.

A *Cartilha Caminho Suave* passa a ser um objeto que, para a criança, materializa a passagem do mundo oral para o da escrita, do mundo do desenho para o das letras, da leitura “do meu jeito” para o da leitura convencional dos adultos. E possibilita deslocar-se para o tempo de sua infância, da convivência com pessoas e lugares queridos (pais, professora): reafirma o mito da infância feliz.

Assim, reduzir o sucesso ou fracasso da alfabetização a velhas/novas metodologias ou à adoção de referências teóricas pelos professores, ou, ainda, considerar que os textos ou as práticas pedagógicas conservam os sentidos em si mesmos é desconsiderar que aprender a ler e a escrever é uma prática cultural, enraizada nas condições de produção que promovem essa aprendizagem. Ao processo de alfabetização são conferidos inteligibilidade e significação, no interior de relações situadas e datadas, regradas (não aleatórias), produzidas em determinadas comunidades, partilhadas culturalmente e reinterpretadas individualmente.

Em que situação tem sido colocada a alfabetização, que, no nosso país, desigualmente é partilhada, no campo das representações e das práticas? Quais os sistemas de referências, formas partilhadas e comuns que integram o *onde*, o *para quem*, o *como*, o *que*, o *para quem* e o *por que* se ensina/aprende a ler e a escrever na escola de ontem, na escola de hoje?

Referências

- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- ENTREVISTAS. *Entrevistas (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11)*: cedidas para a pesquisa em julho de 2017. Ilsa do Carmo Vieira Goulart. Lavras, 2017. Entrevista realizada por questionário em formato digital, realizada para a composição deste estudo.
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. Entre livros: a história do ensino da leitura e da escrita. MORTATTI, Maria do Rosário Longo; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva (Orgs.). *História do ensino de leitura e escrita: métodos e material didático*. São Paulo: Editora UNESP; Marília; Oficina Universitária, 2014. (Apoio FAPESP e ABAIf.)
- _____. *Um estudo sobre “Versos para os pequeninos”, manuscrito de João Köpke*, Campinas: Mercado de Letras, 2017. (Apoio FAPESP.)
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida; SILVA, Lilian Lopes Martin da Silva. Relato: jogo entre presente, passado, futuro. IN: *Na ponta do lápis*. Olimpíada de Língua Portuguesa. São Paulo: CENPEC, ano VIII, número 19, Março de 2012.
- GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. *O livro: objeto de estudo e de memória de leitura*. 2009. 191f. Dissertação (Mestre em Educação), Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. 200f.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. O livro nas memórias de leitura. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, v. 32, n. 115, p. 567-582, abr./jun. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302011000200018 Acesso em: 31 ago. 2017.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira; FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. Relações que entremiam leitor e livro: da materialidade à afetividade. *Revista Álabe*, Almería, Espanha, n. 12, p. 1-16, 2015. Disponível em: <http://revistaalabe.com/index/alabe/article/view/278> . Acesso em: 31 ago. 2017.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LIMA, Branca Alves de. *Caminho Suave*. Alfabetização pela imagem. São Paulo: Editora “Caminho Suave” Ltda, 1965.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização* (São Paulo – 1876/1994). São Paulo: Editora da Unesp; Brasília: MEC/Inep/Conped, 2000.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun. 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>>. Acesso em: 26 out. 2017.

PRADO, Adélia. *Bagagem*. São Paulo: Siciliano, 1993.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamant. *A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo*. São Paulo: Cortez, 1988.

SOARES, Magda. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17, jan./abr. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf> Acesso em: 07 out. 2017.